

ARQUIVOS PESSOAIS E A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO: uma análise a partir do Fundo Waldisa Rússio

Karoliny Aparecida de Lima Borges¹
karoliny.borges@usp.br

Resumo:

O presente trabalho faz parte da pesquisa de mestrado, ainda em andamento, intitulada “‘Preservação Patrimonial’ na teoria e na prática: uma análise a partir do Fundo Waldisa Rússio”, que tem como objetivo discutir o conceito de preservação patrimonial a partir do Arquivo Pessoal de uma das mais importantes intelectuais da museologia brasileira: Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1935-1990). Conhecida no campo museológico por sua formulação do conceito de “fato museal” – que lida com a relação entre homem e objeto –, Waldisa Rússio iniciou sua atuação no campo das políticas culturais na década de 1960 e se inseriu no campo da museologia na década de 1970, permanecendo nele até seu falecimento em 1990. Rússio é uma figura-chave para se compreender as articulações do campo tanto em sua face prática, quanto teórica, já que contribuiu com o campo em diferentes tipos de atuação, tendo sido professora, museóloga e servidora pública. Por causa dessa ampla participação em diferentes frentes, o arquivo deixado por Rússio apresenta em sua documentação um valioso material que vem sendo processado por uma equipe multidisciplinar, da qual faço parte, formada a partir do Projeto Jovem Pesquisador FAPESP “O legado teórico de Waldisa Rússio para a Museologia Internacional”, coordenado pela professora Viviane Panelli Sarraf e iniciado em 2017, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, onde o fundo se encontra. A intenção aqui é discutir o arquivo pessoal como uma possível forma de se entender a constituição de um pensamento, tendo como base a compreensão de que um arquivo pessoal é composto a partir de documentos que refletem a atuação de um indivíduo. A pesquisa também pretende mostrar as potencialidades da metodologia arquivística para a análise da formação de um pensamento, ao se utilizar de princípios arquivísticos que norteiam a compreensão acúmulo de documentos, possibilitando estabelecer a ligação entre o documento e a atividade que o produziu. Entende-se, portanto, que os documentos são autênticos, imparciais em relação à pesquisa – ao mesmo tempo em que podem apresentar as marcas de parcialidade de seu produtor –, foram acumulados de maneira natural por Waldisa Rússio em suas atividades profissionais, e, o que é muito importante, apresentam relações entre si, sendo importantes para além de seus conteúdos diretos. Nesse contexto, a pesquisa explora a formulação de instrumentos de pesquisa, como o inventário e o catálogo do fundo, e de esquemas como o quadro de arranjo, como formas facilitadoras de acesso não somente ao conteúdo do documento, mas também ao seu contexto de produção. O objetivo da pesquisa, portanto, é fazer um caminho inverso ao que foi percorrido pela museóloga: os documentos produzidos por ela em sua atuação profissional, em atividades que serviram para discutir ou assegurar a ação da preservação do patrimônio, servirão para entender o conceito que baseou a atuação, tendo neste

¹ Universidade de São Paulo – USP, São Paulo/SP, Brasil.

artigo as principais análises feitas até o momento em relação papel do arquivo pessoal e da arquivologia na compreensão da formulação desse conceito.

Palavras-chave: Arquivo Pessoal. Waldisa Rússio. Arquivologia. Pensamento.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como intenção apresentar algumas das reflexões presentes na pesquisa de mestrado “‘Preservação Patrimonial’ na teoria e na prática: uma análise a partir do Fundo Waldisa Rússio”¹, que tem como objetivo geral discutir a construção do conceito de preservação patrimonial no pensamento de uma das mais importantes intelectuais da museologia brasileira: Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1935-1990), a partir de seu Arquivo Pessoal. Na pesquisa, a intenção é entender como, ao longo de sua vida, Rússio concebeu o patrimônio e a preservação patrimonial, tendo como base suas elaborações teóricas, seu trabalho dentro de instituições e suas compreensões e metodologias referentes ao ensino da museologia como uma disciplina.

O intuito da pesquisa é, portanto, analisar a partir do arquivo pessoal os possíveis elos entre teoria e prática dentro do pensamento de Rússio e estabelecer como se deu, para Waldisa, a construção do que ela entendia como preservação patrimonial.

A escolha do fundo que seria pesquisado se deu por dois motivos: o primeiro deles foi o interesse pela temática da preservação e pelo campo da museologia, tendo em Waldisa Rússio uma figura que possibilitava a abordagem de ambos.

Tendo iniciado sua atuação no campo das políticas culturais na década de 1960 e se inserido no campo da museologia na década de 1970, permanecendo nele até seu falecimento em 1990, Rússio se destacou no campo museológico por sua formulação do conceito de “fato museal”, que, segundo sua própria definição é a “relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor –, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir” (GUARNIERI, 2010, p. 123). Além disso, Rússio contribuiu com o campo em diferentes tipos de atuação, tendo sido professora,

museóloga e servidora pública, sendo, portanto, uma figura-chave para se compreender as articulações do campo tanto em sua face prática, quanto teórica.

O segundo motivo foi a vontade de se observar um tipo de pensamento que fosse alimentado tanto por questões práticas, quanto por questões teóricas: Rússio apresenta uma trajetória com participação na criação e na manutenção de diversos museus e uma carreira sólida em órgãos como a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo e, ao mesmo tempo, um histórico de reflexão sobre a museologia, com organização e presença em congressos e publicação de artigos para revistas.

Levando tudo isso em conta, o arquivo pessoal é visto na pesquisa como uma forma de se entender a constituição de um pensamento, tendo como base a compreensão de que um arquivo pessoal é composto a partir de documentos que refletem a atuação de seu produtor.

Para se entender melhor esse caminho percorrido por Rússio, será apresentado a seguir um pouco de sua trajetória profissional, com ênfase em sua atuação junto à museologia e ao campo do patrimônio.

2. WALDISA RÚSSIO E O CAMPO DO PATRIMÔNIO

Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, originalmente Waldisa Pinto Rússio, nasceu na cidade de São Paulo em 1935. Atuou como professora, museóloga e servidora pública até seu falecimento em 1990, tendo realizado a maior parte de sua atuação profissional nas décadas de 1970 e 1980, conhecidas por serem marcos temporais do início do processo que permitiu e impulsionou um alargamento conceitual nos campos dos museus e do patrimônio.

Formou-se em Ciências Jurídicas em 1959 na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, tendo feito mestrado e doutorado – 1977 e 1981, respectivamente – pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), orientada pelo professor e sociólogo Antonio Rubbo Müller.

Rússio teve sua introdução ao mundo da política cultural no final da década de 1960, a partir de sua entrada na Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo como funcionária pública, posição na qual:

Liderou mudanças administrativas, coordenou grupos de trabalho e implantou programas culturais. A sua projeção profissional alcançou, ainda, a elaboração de diversos projetos museológicos como, por exemplo, o projeto para a Casa-Museu dedicada a Guilherme de Almeida, em São Paulo, e a proposta da Estação Ciência, também na capital, a convite do CNPq (BRUNO; FONSECA; NEVES, 2010, p.162).

Essa trajetória na Secretaria de Cultura e, posteriormente, na Secretaria de Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia, seu vínculo com a FESPSP e sua associação com órgãos internacionais como o Conselho Internacional de Museus (ICOM) possibilitaram a inserção de Waldisa nos campos do patrimônio e dos museus em diferentes níveis e exercendo atividades distintas.

Dessa forma, durante sua carreira, ela foi responsável pela criação e coordenação do curso de pós-graduação em museologia da FESPSP, tendo sido diretora do Instituto de Museologia da mesma instituição; esteve intimamente envolvida nas modificações das políticas culturais do Estado de São Paulo e na formulação de museus como a Casa Guilherme de Almeida, o Museu de Arte Sacra e o Museu da Casa Brasileira, e na idealização e implementação parcial do Museu da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia da Secretaria de Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia – iniciativa que se destaca por seu pioneirismo no país na discussão sobre a ecomuseologia².

Além disso, Waldisa participou no movimento pela regulamentação da profissão de museólogo no Brasil e foi membro da diretoria do Comitê Internacional de Museologia do ICOM (ICOFOM) entre 1983 e 1986 – além de ser associada ao ICOM e ao comitê nacional do conselho –, tendo, portanto, ampla participação em questões culturais e de preservação nos níveis estadual, nacional e internacional.

Vale salientar, ainda, que, como membro do ICOFOM, Rússio fez parte de um movimento para o reconhecimento da museologia como disciplina científica, contribuindo com textos teóricos para as publicações do comitê, como *Icofom Study Series* e a segunda edição do *MuWop (Museological Working Papers)* (SARRAF, 2019, p. 82).

No âmbito nacional, Rússio foi responsável pela fundação da Associação dos Trabalhadores de Museu (ATM) e da Associação Paulista de Museólogos (ASSPAM), “importantes iniciativas que contribuíram para a consolidação da área museológica do estado de São Paulo” (MENEZES, 2010, p. 47).

As associações foram fundadas em um contexto de busca pela regulamentação da profissão do museólogo, algo entendido por Waldisa como uma forma de melhoria das próprias instituições museológicas, uma vez que assegurava que o corpo de funcionários fosse capacitado para suas funções. Prova disso, é que, dentre os objetivos da ASSPAM, estão “fiscalização ética do exercício profissional dentro do campo da museologia e à luta constante pelo aperfeiçoamento das instituições de caráter museológico” (MENEZES, 2010, p. 48).

Por causa dessa ampla atuação em diferentes frentes, o fundo constituído por Rússio apresenta em sua documentação um valioso material para se entender a formação e a consolidação da museologia no Brasil e, de alguma forma, no mundo. A documentação do fundo faz referência a diferentes atores do campo museológico e cobre um período que diz respeito a eventos que contribuíram para a consolidação da área, contendo registros, por exemplo, do processo de regulamentação da profissão de museólogo, movimento do qual Waldisa fez parte.

Em ações voltadas especificamente para o patrimônio, Waldisa contribuiu para discussões que levaram ao estabelecimento de novos princípios e práticas no campo, como a compreensão de que o que constitui o patrimônio cultural é a atribuição cultural dada pela sociedade a certos objetos e práticas, transformando-os em bens, algo que revolucionou o campo do patrimônio por se colocar em contraponto à visão tradicionalmente estabelecida por órgãos oficiais de preservação patrimonial até aquele momento, em que normalmente o patrimônio era visto como um objeto que tinha um valor intrínseco e que seria descoberto por uma pessoa com capacidade técnica de identificar esse valor.

Ao mesmo tempo em que essa nova concepção modifica o entendimento do que é patrimônio, ela impacta os pressupostos e as consequências relativos à sua preservação, já que mostra que o patrimônio é revelador de aspectos ideológicos de identidade e pertencimento que favorecem indivíduos, grupos, camadas sociais e países hegemônicos, sendo uma forma de manutenção de poder a partir da escolha de bens que seriam institucionalizados e preservados³.

Essa nova concepção também está no cerne de uma das principais contribuições teóricas de Waldisa para a museologia: o conceito de fato museal –

também conhecido como fato museológico. O conceito explora a característica testemunhal de um objeto musealizado inserido em sua relação com a sociedade, sendo, segundo Waldisa, “a relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte de uma realidade da qual o homem também participa, e sobre a qual tem poder de agir. O fato museológico realiza-se no cenário institucionalizado do museu” (GUARNIERI, 2010, p.180).

Toda essa contribuição de Waldisa acabou sendo de alguma forma esquecida ou minimizada na história da museologia e do patrimônio, algo que pode ter acontecido tanto porque de alguma maneira “seus caminhos, muitas vezes percorridos de forma intransigente e inovadora, também a isolaram em algumas oportunidades, causaram constrangimentos profissionais e incompreensões acadêmicas, como é comum para aqueles que ousam transgredir” (BRUNO, 2010, p.22), quanto porque sua morte repentina e prematura aos 55 anos não permitiu que ela compilasse, revisasse e publicasse suas contribuições teóricas para a área, o que fez com que as gerações que a sucederam perdessem o contato direto com o seu pensamento.

Assim, seu arquivo pessoal é uma das melhores formas de contato com seus trabalhos teóricos e práticos. O resgate de seu pensamento não só por ser parte da história da constituição dos campos dos museus e do patrimônio, mas também porque várias questões trazidas por Rússio continuam relevantes até hoje, estante muitas vezes em discussão e disputa.

Nesse sentido, o arquivo pessoal deixado por Waldisa é essencial para essa retomada e para a compreensão da forma como o pensamento de Rússio se constituiu, tendo o entendimento da formulação de seu acervo como uma das chaves para essa análise.

3. O FUNDO⁴ WALDISA RÚSSIO E A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO

O arquivo pessoal de Waldisa Rússio foi incorporado ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP) em 1992, a partir de doação feita pela mãe da museóloga, Isa Simões Pinto.

Tendo recebido, antes de sua chegada ao IEB, uma organização preliminar realizada por professores e alunos ligados ao Instituto de Museologia de São Paulo, do qual Rússio havia sido diretora, o acervo, composto prioritariamente por livros e documentos referentes ao universo de trabalho da professora e museóloga, foi dividido entre acervo bibliográfico e acervo arquivístico, que foram encaminhados aos respectivos setores do Instituto.

No IEB, o primeiro tratamento realizado no Fundo foi iniciado em 1994, em projeto sob a coordenação de Maria Cecília Ferraz de Castro Cardoso, com a adoção de uma organização que identificava a documentação a partir de um código formado pelo número da caixa e pelo volume do documento, em um sistema alfanumérico de identificação.

Nos anos 2000, o Fundo recebeu um segundo tratamento que adotou uma nova organização e uma nova identificação dos documentos: o código foi feito com um sistema numérico bipartido, cujo primeiro número da sequência do código se referia à categoria documental/museológica e o segundo à ordem do inventário.

Ainda assim, até 2017, o Fundo não havia recebido uma organização geral que permitisse aos pesquisadores uma visão mais ampla da documentação, havendo muitas caixas sem identificação de conteúdo e não sendo empregado um instrumento de pesquisa⁵ que facilitasse o acesso aos documentos.

Atualmente, o acervo se encontra em novo processo de tratamento documental, feito a partir do projeto de pesquisa “O legado teórico de Waldisa Rússio para a Museologia Internacional”, iniciado em 2017 e coordenado pela professora Viviane Panelli Sarraf, que conta com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Auxílio à Pesquisa – Jovem Pesquisador FAPESP)⁶.

A pesquisa de mestrado tem acompanhado e participado do atual levantamento feito para a confecção do inventário do Fundo e do processo de classificação e cadastro da documentação no banco de dados do IEB, o Sistema de Gerenciamento de Acervos (SGA)⁷.

O tratamento feito inclui a manutenção da conservação preventiva do acervo – iniciada nos projetos de organização realizados anteriormente –, com higienização e

acondicionamento da documentação em envelopes de papel neutro e caixas próprias para o acondicionamento de arquivo.

Com o tratamento ainda em andamento, um dos desafios encontrados logo no início da pesquisa foi a impossibilidade de se afirmar com certeza a natureza da documentação presente no acervo, uma vez que se dispunha, como base de consulta, somente de alguns materiais deixados por projetos de pesquisa e sistematização anteriores, todos com informações incompletas.

O tamanho da massa documental se apresenta como outro desafio para a pesquisa, especialmente pelo fato de o material ainda estar em processo de tratamento: com 409 caixas, o Fundo Waldisa Rússio é, de acordo com o SGA, o segundo maior fundo pessoal sob a guarda do Arquivo IEB, com uma estimativa de 25 mil documentos.

Das 409 caixas, 246 já têm seu conteúdo inventariado – o que permite uma clareza em relação da constituição do Fundo como um todo, já que são mais da metade da documentação –, dessas, 107 têm o cadastro completo de sua documentação no banco de dados do Instituto, totalizando 5595 itens documentais cadastrados no SGA.

Junto ao cadastro, o projeto faz a classificação⁸ da documentação a partir da formulação de um quadro de arranjo⁹ montado dentro do SGA. Como apontado por Bellotto (2006, p. 148), para se delimitar os grupo e subgrupos de um fundo, é necessário um levantamento prévio sobre o arquivo tratado, o que, no caso de um arquivo pessoal, significa uma pesquisa referente aos diferentes aspectos da vida do titular.

O quadro de arranjo foi elaborado a partir da identificação dos

documentos na condição de registros de atividades desempenhadas ou previstas pelo titular do arquivo. Partindo de uma análise das grandes funções que marcaram a existência do titular que acumulou os documentos, investiga-se como estas funções se desdobram em atividades e quais documentos lhes dão sustentação (SMIT, 2017, p.33)

O Fundo Waldisa Rússio, portanto, foi prioritariamente organizado funcionalmente, ou seja, teve como princípio organizacional as funções ou atividades que geraram a documentação do fundo, e não a espécie ou o tipo de cada documento.

O quadro é formado por grupos e subgrupos, que são agrupamentos de documentos produzidos pela mesma função ou atividade. No caso do Fundo Waldisa

Rússio, os grupos que encabeçam o quadro de arranjo são: Museologia; Relações Sociais; Estudos para Obra; Secretaria de Estado da Cultura, Ciência e Tecnologia; Formação; Universo de Interesse; Vida Doméstica e Familiar; Documentação Complementar e Documentação Póstuma¹⁰.

Ou seja, a criação de um grupo no Fundo Waldisa Rússio, como, por exemplo, do Grupo Docência, ocorre pela existência de documentos que comprovam a atuação de Waldisa como docente em algum momento de sua vida – como cadernos, programas de cursos, anotações, cartas, relatórios e cronogramas –, enquanto, por sua vez, esses documentos existem somente porque foram produzidos durante o dia a dia de Rússio como professora.

Apesar disso, existem casos pontuais como a correspondência, em que espécies documentais, como cartas, por exemplo, foram reunidas e organizadas de acordo com os correspondentes, por se tratar de documentos que estavam dispersos pelo acervo, não fazendo parte de nenhum conjunto que refletisse alguma função ou atividade para além da simples comunicação.

Mesmo em casos como este, a documentação foi alocada dentro do quadro de arranjo do fundo em um Grupo que reflete a função para qual a documentação havia sido gerada (no caso da correspondência, o grupo Relações Sociais).

Uma característica importante do SGA é a possibilidade de se identificar o documento em mais de um lugar no quadro de arranjo dentro do sistema, o que permite o reconhecimento de que um documento pode estar relacionado a mais de uma função dentro das atividades realizadas por seu produtor.

O quadro de arranjo, portanto, facilita o acesso não somente ao conteúdo do documento, mas também ao seu contexto de produção uma vez que, em um arquivo pessoal, “os documentos do titular compõem-se de inúmeros registros acumulados, cuja função se descola, muitas vezes, dos aspectos informativos imediatos” (LOPEZ, 2003, p. 76), ou seja, analisam-se diferentes níveis de informação presentes no documento, a partir de uma compreensão do conjunto, considerando o seu contexto junto à massa documental.

Isso, além de possibilitar o estabelecimento dos documentos mais interessantes à pesquisa – pois, em uma busca que somente considerasse a referência explícita ao

conceito de preservação patrimonial, muitos deles provavelmente não seriam encontrados –, permite uma análise da documentação a partir da compreensão das funções exercidas por Rússio durante a produção da documentação e ajuda a entender o processo de formação do pensamento de Waldisa a partir de suas atuações teóricas e práticas.

A contextualização dos documentos presentes no fundo possibilita estabelecer a ligação entre o documento e a atividade que o produziu, em uma relação de indiciabilidade, já que, como apresenta Meehan (2018):

Ter uma noção, por um lado, das formas e funções dos documentos de determinado fundo, e, por outro, dos processos e intenções subjacentes às principais atividades do produtor possibilita ao arquivista identificar os pontos de interseção entre os processos de gestão documental e as atividades pessoais ou criativas do produtor – pontos que deviam provavelmente existir quando os documentos foram criados, acumulados, guardados e/ou utilizados pelo produtor. De fato, o arquivista estará assim identificando o “sistema” de arquivamento do produtor e criando as bases para estabelecer a ligação entre o documento físico e a atividade anterior que lhe deu origem. Ao estabelecer tal ligação, o arquivista poderá arranjar o material relacionado por função ou atividade, seja através de séries, subséries, pastas ou, menos provavelmente, itens; e mediante esse arranjo é que ele criará as relações entre documentos e atividades (p.320).

Documentos que poderiam passar despercebidos, vistos como meras anotações, são aqui analisados dentro de seu contexto e têm suas relações com outros documentos e com suas atividades produtoras reestabelecidas e/ou destacadas, promovendo novas leituras e uma visão de arquivo como processo, algo que foi constituído dentro de um encadeamento de ações e reflexões.

Isso faz com que o caminho feito na pesquisa seja o inverso do que foi percorrido pela museóloga: os documentos produzidos por ela em sua atuação profissional, em atividades que serviram para discutir ou assegurar a ação da preservação do patrimônio, servirão para entender o conceito que baseou a atuação.

Como dito anteriormente, esse artigo tem como intenção apresentar as primeiras reflexões feitas acerca do uso de um arquivo pessoal para se entender a constituição de um pensamento e como a compreensão dos procedimentos arquivísticos de organização do fundo são fundamentais para essa análise – que contará também com outras metodologias voltadas especificamente para a análise de formação do pensamento –, pois ter noção dos procedimentos de classificação do Fundo é o primeiro passo na reconstrução da atuação de Rússio dentro dos campos da

museologia e do patrimônio, e, mais do que isso, de como Rússio elaborou essa atuação.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos permanentes: Tratamento documental**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BONITO, Ana Maria Rodrigues. **Ecomuseologia: Proposta de Ecomusealização para o Concelho da Ponta do Sol** (dissertação) ULHT Lisboa, 2005.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: reflexos de uma trajetória profissional. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 20-32.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira, FONSECA, Andrea Matos da, NEVES, Kátia Regina Felipini. Mudança social e desenvolvimento no pensamento da museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos. In.: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 159-180.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Conceitos e Limites da preservação: uma visão museológica, In: **Caderno 2 – Simpósio Sobre Memória e Patrimônio Cultural**, Mogi das Cruzes 1986.

_____. A interdisciplinaridade em Museologia. In.: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 123-126.

_____. Museologia e identidade. In.: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 176-185.

LOPEZ, André Porto Ancona. Arquivos pessoais e as fronteiras da arquivologia. **Revista Gragoatá**, Niterói: n. 15, p.69-82, 2º semestre de 2003.

MEEHAN, Jennifer. Novas considerações sobre ordem original e documentos pessoais. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.). **Pensar arquivos: uma antologia**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, p. 305-327.

MENEZES, Caroline Grassi Franco de. Associação Paulista de Museólogos (Asspam): apontamentos para uma história de protagonismo na Museologia paulista. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 47-98.

SARRAF, Viviane Panelli. O legado teórico de Waldisa Rússio para a museologia internacional. In: HOMEM, Paula Menino, SILVA, Diana & GRAÇA, Gabriel (Eds.). **Ensaio e Práticas em Museologia**, Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DCTP. Vol. 08, 2019, p. 66-89.

SMIT, Johanna W. Entre arquivos, bibliotecas e museus: a interdisciplinaridade em pauta. In.: **Arquivos pessoais: experiências, reflexões, perspectivas**. CAMPOS, José Francisco Guelfi (org.), São Paulo: ARQ-SP, 2017, p.29-38.

Notas

¹ Pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras do IEB/USP que conta com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

² A ecomuseologia se “assenta em três pontos essenciais: o reconhecimento do papel dinâmico da comunidade e a sua relação com o museu; a extensão do conceito de patrimônio, através da incorporação de objectos do quotidiano pelo museu, tornando-os património “vivo”; a ligação do museu ao território, indissociável da conservação do património in situ, interpretado e valorizado na sua envolvente, quer social quer natural.” (BONITO, 2005. p. 45).

³ Em seu texto, *SPHAN: Refrigério da Cultura Oficial*, publicado em 1987, Sérgio Miceli aponta como as políticas definidas e empregadas pelo (atual) IPHAN têm características classistas e dão prioridade para os monumentos arquitetônicos e para um tipo estético específico. Além disso, ele observa como o órgão conseguiu se isolar administrativamente, o que possibilitou a continuidade de suas políticas nos mais diferentes cenários políticos e culturais brasileiros.

⁴ O termo “fundo” equivale à arquivo, em seu significado de “Conjunto de documentos de uma mesma proveniência” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.97). Damos preferência ao uso contínuo do termo para diferenciar a documentação que compõe o Arquivo Waldisa Rússio, da documentação que compõe o Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP como um todo, ou seja, o conjunto de arquivos (fundos) que compõe o arquivo IEB-USP.

⁵ Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, o instrumento de pesquisa é um: “Meio que permite a identificação, localização ou a consulta a documentos ou a informações neles contidas” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 108).

⁶ As atividades de organização estão acontecendo de maneira remota desde março de 2020 devido à pandemia de COVID-19, o que tem dificultado o processamento da documentação e a formulação do inventário mínimo do Fundo.

⁷ O SGA é um sistema de dados desenvolvido por parte da equipe técnica do Arquivo do IEB, especialmente para a classificação e a disponibilização de dados de seu acervo, sendo utilizado por todos os fundos presentes no Arquivo.

⁸ Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, a classificação é a “organização dos documentos de um arquivo ou coleção, de acordo com um plano de classificação, código de classificação ou quadro de arranjo” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 49)

⁹ Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, o quadro de arranjo é um “esquema estabelecido para o arranjo dos documentos de um arquivo, a partir do estudo das estruturas, funções ou atividades da entidade produtora e da análise do acervo” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 141).

¹⁰ Os grupos de Documentação Complementar e Documentação Póstuma são, na verdade, agrupamentos feitos muito mais como uma marcação do tipo de acúmulo de sua documentação do que como reflexo de uma função ou atividade. O grupo de Documentação Complementar é formado por documentos produzidos por Waldisa Rússio que tiveram cópias disponibilizadas para serem inseridas no SGA pois estão sob a guarda outras instituições ou pessoas, já o grupo de Documentação Póstuma é formado por documentos produzidos após a morte de Waldisa Rússio, mas que estavam junto à documentação do fundo, como artigos e convites de exposição feitos em homenagem à museóloga após seu falecimento.